

## UM OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II – PNLD 2014 E 2020: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS NEGROS AFRICANOS E DA ÁFRICA

Ana Flávia Borges de Oliveira<sup>1</sup>  
Adriany de Ávila Melo Sampaio<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo constitui-se como parte do resultado da pesquisa de Mestrado e tem como objetivo investigar as Representações Sociais dos negros africanos e da África em uma coleção de Livros Didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II, aprovada nos PNLD 2014 e 2020. A Lei 10639/2003 é entendida como a principal ferramenta no combate ao racismo no campo da educação, pois tem como premissa a valorização da história e cultura afro-brasileira e dos africanos, e da educação das relações etnicorraciais. Compreende-se os livros didáticos como portadores de um sistema de valores ideológicos, que permanece nos dias atuais como um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente em escolas públicas. Na maioria desses materiais, ainda há presença de representações negativas do negro africano e imagens distorcidas da África, além da presença de estereótipos, que equivalem a uma espécie de rótulo utilizado para qualificar de maneira conveniente grupos étnico-raciais. A metodologia de pesquisa deste artigo se utiliza de análise dos livros didáticos do sétimo e oitavo ano do Ensino Fundamental, que abordam a formação do espaço brasileiro e o continente africano, respectivamente. Como principal referencial a Teoria das Representações Sociais, do psicólogo social romeno Serge Moscovici (2003) e das Imagens de Controle, da socióloga e feminista negra norte-americana Patrícia Hill Collins (2019). Os resultados obtidos apontam para discrepâncias na representatividade da população negra em relação à branca, reproduzindo, ainda, um discurso colonial e eurocêntrico. Na maioria das imagens, os negros africanos são representados em posições inferiores de menor prestígio e em condições subalternas; e o continente África é retratado como primitivo, selvagem e pobre.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imagens de Controle; Lei 10639/2003; Ensino de Geografia da África

### *A LOOK AT THE GEOGRAPHY TEXTBOOK OF ELEMENTARY SCHOOL II - PNLD 2014 AND 2020: SOCIAL representations of african blacks and Africa*

### ABSTRACT

This article is part of the result of the Master's research and aims to investigate the Social Representations of black Africans and Africa in a collection of Geography Textbooks of Elementary School II, approved in PNLD 2014 and 2020. Law 10639/2003 is understood as the main tool in the fight against racism in the field of education, as it is premised on the appreciation of Afro-Brazilian and African history and culture, and the education of ethnicracial relations. It is understood that Textbooks as carriers of an ideological value system, is still today one of the most used teaching materials by teachers, especially in public schools. In most of these materials, there are still negative representations of black Africans and distorted images of Africa, in addition to the presence of stereotypes, which are equivalent to a kind of label used to conveniently qualify ethnic-racial groups. The research methodology of this article uses the analysis of textbooks of the seventh and eighth year of elementary school, which deal the formation of the Brazilian space and the African continent, respectively. As the main reference the Theory of Social Representations, the Romanian social psychologist Serge Moscovici (2003) and the Images of Control, the sociologist and black feminist Patrícia Hill Collins (2019). The results point to discrepancies in the representativeness of the black population in relation to the white population, also reproducing a colonial and eurocentric discourse. In most images, black Africans are

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia – PPGEU/UFU; Professora na Prefeitura Municipal de Uberlândia (CEMEPE/SME/PMU). E-mail: anafaviaborges97@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora em Geografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia; Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia na Perspectiva do Ser Humano Integral – GPEGPSHI/LAGEPOP; E-mail: adrianyavila2@gmail.com

depicted in inferior positions of lesser prestige and in subaltern conditions; and the continent Africa is portrayed as primitive, wild and poor.

**KEYWORDS:** Controlling Images; Law 10639/2003; Teaching of Geography of Africa

## INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a representação da África e dos negros africanos em livros de Geografia relacionam-se à um tipo de Representação Social: a de condição de “submundo” e “primitivos”, sempre em conexão com a herança histórica da escravização (RATTS et al., 2007). Estas imagens trazem um discurso construído por grupos dominantes e imposto na coletividade por um pensamento eurocentrado e racista, que não coloca as pessoas e culturas africanas em uma condição de equidade com os outros lugares no mundo. Quando não há frases e imagens racistas explicitamente colocadas no material didático há o silenciamento, ocorrendo o apagamento da história e cultura da África e do povo negro africano (RATTS et al., 2007; SILVA, 2011; OLIVEIRA, 2023; entre outros).

Em 2003, foi sancionada a Lei 10639 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/1996), tornando obrigatória o ensino e a presença da cultura africana e afro-brasileira no currículo da educação básica, após lutas históricas do Movimento Negro Unificado, a fim de promover o reconhecimento, a valorização da história dos africanos e a construção de uma identidade negra positiva, bem como uma educação antirracista. Essa lei é uma conquista democrática e um marco político na sociedade brasileira que busca por desconstruir representações e imagens impostas pela herança escravocrata, com o intuito de combater o racismo ainda presente nos materiais didáticos e na sociedade.

Para a Dissertação (OLIVEIRA, 2023), foi definida apenas uma coleção dentre doze aprovadas para a análise por conta do tempo da pesquisa e foi especificamente esta coleção, porque ela possuía no mínimo duas aprovações no PNLD, sendo obrigatória uma aprovação na última edição de 2020. Deste modo, este artigo objetiva verificar as Representações Sociais da África e dos negros africanos em textos e imagens de livros didáticos de Geografia do sétimo ano que abordam o tema da formação territorial do Brasil e os livros do oitavo ano que tratam a temática da África, sendo que ambos os anos se referem ao Ensino Fundamental II. Como recorte temporal, foram escolhidos uma coleção em que os livros foram publicados em 2012 e 2018, submetidos à avaliação nos PNLD de 2014 e 2020, respectivamente.

A investigação foi realizada levando-se em consideração que já se passaram vinte anos da promulgação da Lei 10639/2003, assim busca-se encontrar uma perspectiva antirracista para o

Ensino de Geografia da África como forma de combater toda opressão existente. Os procedimentos metodológicos consistem em pesquisa bibliográfica, análise dos textos e imagens dos Livros Didáticos a partir das teorias: das Representações Sociais de Moscovici (2003) e das Imagens de Controle de Collins (2019).

Para o exame dos livros, não houve identificação da obra e nem dos autores, sendo assim, foi nomeada de “Coleção A”, com a intenção de investigar se, após a implementação da Lei 10639/2003, ocorreram mudanças ou permanências nas representações do negro africano e da África, e ao mesmo tempo, averiguar se o que está sendo abordado (des)cumprir a proposta da Lei, atentando aos conteúdos que mencionam a África e suas populações, focando no texto e nas imagens utilizadas nos Livros Didáticos de Geografia.

A primeira parte deste artigo traz relações da Lei 10639/2003 e a relevância do Livro Didático de Geografia para a promoção dos conteúdos antirracistas e a segunda parte trará a análise da coleção em questão para compreender se as Representações Sociais da África e dos negros africanos se encaixam ou não nas Imagens de Controle.

### **A LEI 10639/2003 E A INVISIBILIDADE DA QUESTÃO RACIAL NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA**

O racismo é resultado de um processo histórico, com leis que o regulamentaram e também com expropriação e a tentativa de apagamento da cultura negra. Ainda hoje a escravização é contada pelo viés eurocêntrico, além de manter uma imagem estigmatizada e racista do “ser negro” na mídia em geral e nos Livros Didáticos (RATTS et al., 2007; COSTA; DUTRA, 2009; SANTOS, 2010).

Segundo Carneiro (2011, p. 70), “uma das características do racismo é a maneira que ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de ser representados em sua diversidade”. Isso significa que o negro ainda permanece com sua imagem associada à herança escravagista e o racismo se fundamenta nas Representações Sociais do Outro que valorizam o grupo dominante, em oposição ao grupo subalterno, que por sua vez amplia as diferenças e resulta em estereótipos capazes de estimular ou justificar atitudes discriminatórias e racistas.

A Lei 10639/2003 foi criada a partir de lutas do Movimento Negro nas esferas governamentais. Ela altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluindo, no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira”, bem como a qualificação dos professores e seu constante aperfeiçoamento para ministrarem esse ensino. Posteriormente, em 10 de março de 2008, foi

promulgada a Lei 11645/2008, que ampliava o objetivo da Lei 10639/2003, que acrescentou o ensino de 'História e Cultura Indígena' nos currículos escolares.

A lei 10639/2003 é o maior dispositivo legal resultante das lutas do Movimento Negro que visam construir uma sociedade democrática, igualitária e sem racismo e que haja respeito entre todos os grupos étnicos. Foi construída em resposta às demandas políticas dos militantes negros em relação aos objetos de conhecimento dos Livros Didáticos, constituídos de expressões e imagens negativas e racistas sobre a África e o negro africano.

A abordagem étnico-racial ausente ou silenciada nos conteúdos programáticos da Geografia Escolar reforça-se na medida em que o tratamento das relações étnico-raciais e africanidades é pouco evidenciado nos materiais didáticos e, nas práticas pedagógicas de professores/as de Geografia do ensino básico, o racismo não é tratado como constructo histórico e ideológico que perpassa a própria história do pensamento geográfico. (SOUZA, L., 2017, p. 212)

A lei 10639/2003 ainda não está sendo cumprida em sua totalidade, por inúmeros motivos; entre eles estão: materiais didáticos que ainda possuem imagens estereotipadas, a falta de investimento na formação dos professores e a negação em abordar a temática nas aulas. Para balizar essa questão, Santos (2011, p. 13) “reposiciona o negro e as relações raciais no mundo da Educação, rompendo os silenciamentos sobre o racismo no cotidiano escolar, tanto nos conteúdos, nos materiais e métodos pedagógicos quanto na formação dos professores”.

Com isso, construir um ensino de Geografia que seja instrumento para uma educação antirracista e igualitária, não basta incluir novos conteúdos, mas desconstruir narrativas, revisar as práticas e os materiais didáticos e ressignificar os conteúdos tradicionais na disciplina. Para que haja o cumprimento da lei, Santos (2011) sugere temas que podem auxiliar no debate racial nos conteúdos de Geografia, como por exemplo: raça e modernidade; o Ensino da África; o branqueamento da população e do território; as comunidades de remanescentes de quilombos; a segregação socioespacial nos meios urbanos; toponímia/marcas históricas da presença negra, dentre outros.

Estas questões trazem como consequência estudantes saindo da educação básica sem conhecer o essencial sobre a história da África e a cultura afro-brasileira. O que por sua vez mantém a reprodução da história que foi contada pelo colonizador europeu e seus descendentes, como por exemplo, a falsa ideia de que a África é um país e não um continente, como também as informações errôneas a respeito da cultura africana.

O Livro Didático é considerado o material escolar mais tradicional e utilizado muitas vezes como única ferramenta de ensino e aprendizagem em sala de aula. Ele pode auxiliar na melhora da qualidade da educação quando os conteúdos estão atualizados de acordo com o cotidiano dos estudantes, bem como estarem livres de preconceitos e discriminações, promovendo o antirracismo

em sala de aula. Ressaltando que os professores devem utilizá-lo como apoio às aulas, facilitando a inserção de novas metodologias de uso deste material.

Os critérios de avaliações específicas do Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD 2020 que envolve a temática étnico-racial possibilitam que sejam analisadas a existência e permanência de estereótipos e preconceitos, além da promoção de uma imagem positiva e da valorização da cultura e história da população africana, quilombola e indígena em vários momentos históricos, rompendo com o conhecimento dominante colonial.

[...] deve-se, também, avaliar se os livros visam somente o atendimento aos quesitos do edital, mantendo a narrativa eurocêntrica, que coloca a sociedade esteticamente regida por um paradigma branco. Ou se houve alguma evolução no que se refere ao debate étnico-racial e seus desdobramentos no campo de ensino da Geografia, tratando a história dos negros brasileiros para além da escravidão, buscando seus aspectos culturais e possibilitando sua apresentação de maneira positiva aos estudantes (SILVA; TONINI, 2022, p. 88)

Para as autoras, os Livros Didáticos escolhidos pelo Estado cumprem normas e legislações presentes no edital, e as editoras materializam o currículo prescrito e padronizado de acordo com a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Durante as avaliações do PNLD, é necessário se atentar àquelas obras que se adequam aos quesitos do edital para serem aprovadas, algumas ressignificaram a história do negro africano e seus descendentes dando visibilidade aos aspectos históricos e culturais de maneira positiva<sup>3</sup>. Porém ainda existem muitas obras em que são mantidos os discursos racistas com base no eurocentrismo.

Os Livros Didáticos de Geografia merecem uma certa atenção por parte dos professores/as para desconstruí-lo quanto aos conteúdos relacionados à implementação da Lei 10639/2003. Porque ainda trazem de forma velada imagens negativas e estereotipadas, construindo discursos racistas, sendo tarefa do professor descolonizar o entendimento destas informações. Dessa maneira, o professor necessita de conhecimento antirracista, passando por uma formação continuada que o prepare para tratar a temática e inserir de forma prioritária no conteúdo programático de Geografia.

É sabido que a África comumente está representada de forma estereotipada e por um viés negativo no mundo da educação. É corrente a associação do continente africano à pobreza, violência, fome, doenças (HIV) e falta de organização social. Essas visões são apresentadas desta forma na educação brasileira porque consideramos que nossa educação é pautada nos conhecimentos eurocentrados que organizam nossa forma de enxergar e conhecer o mundo (COSTA; DUTRA, 2009, p. 30)

As imagens distorcidas contidas nos Livros Didáticos assumem um lugar de produção de significados, no qual determinados discursos são criados e colocados em circulação. Continuar transmitindo uma

<sup>3</sup> Um dos trabalhos lidos foi de Santos (2018) no qual analisou três livros didáticos aprovados no PNLD 2017. O autor identificou algumas ressignificações na inserção de conteúdos da temática racial em relação aos livros produzidos em anos anteriores. Porém, para ele estes conteúdos ainda não são os ideais para implementar de forma efetiva a lei 10639/2003. Isso se ocorre em relação as exigências exigidas para que as editoras e autores se esforcem para inserir conteúdos antes ignorados, visando assim, a aprovação do PNLD.

“África única” e sua população por um viés negativo, é ainda continuar impondo ideias pautadas em preconceitos, reduzindo todo legado histórico de um continente considerado berço de toda a civilização.

Como ressalta Müller e Moreira (2018, p. 333), “nada é escrito por acaso, tudo tem um cunho político ideológico, principalmente um livro didático, cujo trabalho é formar e disseminar conhecimento”. E por meio dos programas curriculares do governo, como por exemplo a Base Nacional Comum Curricular, legitima-se seu poder de influência no que vai ser estudado em cada período e disciplina, reproduzindo uma ideologia e saberes impostos e determinados pelos grupos dominantes.

Ratts et al. (2007, p. 50) mostra que a população negra e africana são “apresentados de forma estereotipada e negativa, em certos momentos negando-lhes a própria humanidade, enquanto os brancos e brancas são apresentados como referencial positivo”. O racismo presente nos Livros Didáticos é perpetuado e naturalizado por meio dessas falsas desigualdades raciais e sociais criadas pelos grupos dominantes, como se fossem verdadeiras, que por sua vez apresenta que parte da população desfruta de privilégios aos quais a maioria dos grupos sociais subalternizados não tem acesso.

É diante desta invisibilidade que, atualmente, podemos acreditar e presenciar avanços na forma de representar o/a negro/a e o continente africano, por meio das reivindicações da sociedade negra organizada na tentativa de reconstruir as bases de valorização da cultura negra. Nessa medida é que a Lei 10.639/03 acrescenta a necessidade de transformação da educação formal no tratamento de temáticas que valorizem a importância do segmento negro na formação social brasileira e mundial. Assim, com a implementação adequada da lei é que há a oportunidade de romper com uma visão hegemônica de mundo presente no espaço escolar e nos livros didáticos. (SOUZA, L., 2017, p. 223)

O Livro Didático com seu poder ideológico e seu discurso ainda hegemônico, eurocêntrico e colonialista, influencia na compreensão da história e cultura africana e afro-brasileira. Quando se refere ao negro africano e à África, ainda há representações com os seguintes tópicos: doenças, fome, guerras, conflitos políticos e a precariedade de vida da população, exercendo atividades informais ou ocupando cargos inferiores no mercado de trabalho.

Nesse âmbito, podemos perceber o livro didático como um objeto feito pela sociedade de economia neoliberal, que fornece informações sobre sua cultura, um produto mercadológico que forma, instrui e educa a partir da disseminação de um conhecimento constituidor dos estudantes, dentro e fora da sala de aula, formando suas concepções de mundo. (SILVA; TONINI, 2022, p. 84)

Os conteúdos ainda são iniciados pelo período da dominação imperialista e pelo olhar do colonizador, ressaltando a escravização e desvalorizando o legado cultural e histórico do continente africano. A quantidade de imagens sobre a escravização e sobre as condições dos negros africanos,

em sua maioria, “são utilizadas para ilustrar e não acrescentar informação, conhecimento e crítica” (MÜLLER; MOREIRA, 2018, p. 345).

Quanto a isso, não é necessário negar esse passado nefasto da sociedade brasileira, mas em livros em que ficam ausentes representações positivas da população negra, faz-se necessária uma maior discussão sobre estas imagens. Sua recorrência tende a levar os estudantes a imaginarem os negros e negras sempre como subalternos e inferiores, posto que o corpo escravizado é coisificado, vigiado, agredido, e essas ideias se transferem para a visão do corpo negro, mesmo após a abolição da escravidão (RATTS et al., 2007, p. 52)

Para Ratts et al. (2007), as representações dos negros africanos como escravizados ainda é um problema recorrente e presente nos Livros Didáticos, pois ao permanecerem sendo reproduzidas tornam-se uma marca da população negra relacionada ao “atraso”, à “inferioridade” e repleto de estigmas. As representações sociais difundidas constantemente no Livro Didático de maneira naturalizada, se tornam “verdade” e contribuem para a constituição de uma identidade negativa dos estudantes negros e negras.

Segundo Müller e Moreira (2018, p. 346), “mesmo obedecendo às normativas, os manuais didáticos sofrem interferências mercadológicas para serem escolhidos pelas escolas públicas.” Por isso, é importante questionar por qual motivo, as editoras continuam trazendo as mesmas imagens em seus livros, sem nenhuma atualização, lembrando que tudo tem um cunho ideológico.

Souza, J. (2017, p. 7), mostra que as imagens do negro africano e da África, “revestem-se em um interesse particular das editoras, que na sua maioria não se conhecem as relações entre produtor e receptores de mensagens”. Aquilo que é apresentado para os estudantes pode trazer benefícios ou impactos no processo de ensino-aprendizagem, porque são imagens que circulam para construir uma hierarquia socioeconômica e geográfica sobre a cor da pele, evidenciando o interesse em fabricar e comercializar questões silenciadas por parte dos autores e das editoras.

O mesmo se verifica no campo das imagens e mapas utilizados, cada vez mais remetidos a bancos repositórios de reprodução gratuita (para reduzir os custos das editoras), o que se torna condicionante do que irá constituir estes componentes dos livros (SANTOS, 2018, p. 33).

De acordo com Santos (2018), isso ocorre devido à redução de gastos com direitos autorais e o aumento do lucro das editoras, que por sua vez, atinge as imagens e mapas que são utilizados nos Livros Didáticos. O autor ainda afirma que para reduzir os custos, as editoras utilizam de imagens e mapas expedidos de arquivos de instituições públicas e privadas e de grandes bancos de imagens de uso gratuito, que muitas vezes aparecem a mesma imagem ou mapa a cada renovação dos livros de acordo com as avaliações do PNLD.

As imagens referentes a negros/mulheres/indígenas/homossexuais que circulam nos livros didáticos e na mídia remetem, em sua maioria, a contextos associados a uma natureza primitiva, à baixa qualificação profissional, a problemas urbanos, entre outros, cujos atributos econômicos e sociais desencadeiam diferenciações entre elas. É, neste momento,



que as relações de poder entram em jogo para escolher estrategicamente quais atributos serão acionados e quais serão apagados. (TONINI, 2013, p. 188)

Ressalta-se que as imagens racistas que estão nos Livros Didáticos constroem significados e circulam em outros meios, como por exemplo, na grande mídia, sempre buscando naturalizar as narrativas coloniais como únicas.

As autoras Silva e Tonini (2022, p. 82) ressaltam que as imagens presentes nos Livros Didáticos apresentam diferentes discursos que são tidos como “naturalmente construídos” e como “verdades”, hierarquizando, polarizando e classificando o olhar sobre o mundo. Assim, ainda se fazem necessárias transformações na organização e inclusão de conteúdos e imagens desmitificadoras de estereótipos, na naturalização de pessoas negras em lugares subalternos, ou ainda o apagamento e o silenciamento em espaços de poder.

Apesar de possuir uma função social e pedagógica de construção do conhecimento, o livro não fica à margem dos problemas sociais; consequentemente, reproduz os ideários e representações presentes na sociedade brasileira, muitas vezes tratando a questão étnico-racial de forma inadequada (RATTS et al., 2007, p. 50)

Os Livros Didáticos trazem conteúdos que ajudam a construir ou naturalizar os princípios e concepções positivas ou negativas a respeito de uma cultura e um grupo social. Os currículos não são neutros e ainda são capazes de reproduzir a lógica hegemônica e de poder dos conteúdos sobre a África com uma ideologia baseada no embranquecimento e na dominação eurocentrada.

Destaca-se que Silva (2019) afirma que mesmo não sendo apenas os Livros Didáticos os transmissores de estereótipos e discriminações, estes possuem caráter de “verdadeiro”, o que torna importante ter um olhar mais atencioso e crítico com este material, na intenção de não reproduzir conteúdo e imagens racistas e de que os estudantes não adquiram comportamentos que discriminam e que se constituem de preconceitos.

Neste sentido, é fundamental que os instrumentos e materiais estejam adequados para a inserção e promoção dos objetos de conhecimentos relacionados à questão étnico-racial, como por exemplo o Livro Didático de Geografia, a fim de que os estereótipos que inferiorizam os negros africanos e seus descendentes e degradam a África não sejam reforçados nas páginas dos livros e nem disseminados em sala de aula.

### **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ÁFRICA E DOS NEGROS AFRICANOS: ANÁLISE DA “COLEÇÃO A - PNLD 2014 e 2020”**

A imagem depreciativa que se tem do negro no Brasil foi criada em meados do século XV, quando os primeiros europeus desembarcaram no continente africano. Todavia, as representações negativas ainda são retransmitidas pela sociedade, pois o racismo é uma ideologia cruel construída



socialmente que impõe estigmas para justificar e naturalizar o pior fato histórico de desumanização dos povos africanos e da diáspora.

As Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003) são significados produzidos pelos grupos dominantes (como por exemplo, o Estado, a religião, a ciência e as instituições de forma geral), impostos na sociedade e reproduzidos coletivamente, que por sua vez, são perpetuados em novas imagens, conceitos e discursos que reforçam as representações antigas. As representações possuem o poder de dar sentido ao mundo e controlar o comportamento da sociedade, que aceita e assimila (de forma inconsciente) ideias elaboradas por grupos dominantes orientando suas condutas, das mais simples até as mais complexas. Além de colaborar com a explicação de conceitos gerados em processos de mudanças e permanências em contextos de exclusão de sujeitos, seja de forma a invisibilizá-los ou colocá-los de forma pejorativa, na qual são representados socialmente por imagens estereotipadas e racistas pelos grupos étnico-raciais dominantes.

As Imagens de Controle (COLLINS, 2019) se aplicam em todos os grupos sociais, que acreditam e agem de acordo com elas. São usadas para dar sentido à realidade, o que por sua vez permite o controle por parte de quem possui o poder de construí-las.

A análise das imagens está embasada teoricamente na Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003) e nas Imagens de Controle (Collins, 2019) para identificar o racismo ainda presente nos Livros Didáticos. O processo de análise dos livros didáticos de Geografia, tem como recorte temporal, uma coleção em que os livros foram publicados em 2012 e 2018, aprovados nos PNLD 2014 e 2020, respectivamente. Os livros do 7º ano abordam o tema da formação territorial brasileira e os livros do 8º ano tratam a temática do continente África.

Foram consideradas imagens passíveis de avaliação: fotografias, mapas, gráficos, desenhos, pinturas em tela e charges. Além de considerar os grupos de representações gerais propostos por Oliveira e Sampaio (2022), também foi identificado alguns tipos de imagens indicados por Mauad (2015), como por exemplo: 1) Homens negros africanos em situação positiva; 2) Homens negros africanos em situação negativa; 3) Mulheres negras africanas em situação positiva; 4) Mulheres negras africanas em situação negativa; 5) Homens negros de nacionalidades distintas em situação positiva; 6) Homens negros de nacionalidades distintas em situação negativa; 7) Mulheres negras de nacionalidades distintas em situação positiva; 8) Mulheres negras de nacionalidades distintas em situação negativa; 9) Pessoas brancas em situação positiva; 10) Pessoas brancas em situação negativa; 11) Mapas/gráficos; 12) Charges/caricaturas/quadrinhos; 13) Paisagens Naturais (flora, fauna, relevo, hidrografia, agricultura).

### Livro Didático do 7º ano - PNLD 2014

Os Livros Didáticos do 7º ano (PNLD 2014) são voltados à Geografia do Brasil, dedicando uma parte à formação do povo brasileiro. O livro contém duzentas e setenta e duas páginas e está estruturado em quinze capítulos, agrupados em quatro unidades.

No primeiro capítulo que aborda sobre a *“Formação do território brasileiro”*, percebe-se o discurso da mistura racial como critério na formação e na composição do povo brasileiro com uma imagem de quatro crianças com cores de pele distintas, dizendo que os brasileiros possuem traços de vários povos que ocuparam e ainda ocupam o Brasil, como os indígenas, europeus, africanos e outros imigrantes.

Ressalta-se no texto a escravização dos indígenas, bem como a chegada dos negros africanos na condição de escravizados quando houve a necessidade de mais mão-de-obra nos engenhos de cana-de-açúcar. Aborda que foram trazidos forçados pelos colonizadores portugueses, que o comércio era movimentado pelo tráfico de africanos escravizados e com o fim da escravização, no século XIX, chegou-se no país os imigrantes europeus para trabalhar nas fazendas. Não é abordada a questão de *“branquear a população”*, como o verdadeiro motivo da entrada de imigrantes europeus. Esse texto é ilustrado somente pelo mapa de *“Dominação portuguesa no Oceano Atlântico”*.

No capítulo dez *“A diversidade cultural e a imigração”*, enfatiza o discurso da mistura de raças, sem abordar a ideologia de branqueamento da população. No texto é colocado que:

O brasileiro é um povo de múltiplas origens, costumes e cores. A diversidade cultural brasileira é produto de uma história marcada pela convivência, pela miscigenação, e também pelo conflito [...] (LIVRO 7º ANO, COLEÇÃO A, PNLD 2020, p. 176)

Na citação mostra a falsa ideia de positividade da mistura de raças, como por exemplo não mencionar o racismo presente na história até os dias atuais. Pode-se destacar que os conflitos dos colonizadores contra os indígenas, as resistências à escravização dos negros africanos e a formação dos quilombos não foram abordados. O texto evidencia ainda as heranças deixadas pelos portugueses, como por exemplo, a língua e a religião católica, com a supervalorização das missões jesuíticas como civilizadoras, o que evidencia o saque e o apagamento da história e cultura indígena, africana e afro-brasileira.

O aspecto negativo da representatividade do negro africano como escravizado é mostrado no tópico *“A conquista da América portuguesa”*, com uma pintura do artista Jean-Baptiste Debret (1768-1848) com negros africanos escravizados, aparentemente bem vestidos, porém descalços, carregando cangalhas nos ombros (Figura 1, imagem A). Sabe-se que os temas das obras desse pintor foi o cotidiano dos escravizados. Na pintura retrata uma atividade subalterna associada ao trabalho

escravo, com mão-de-obra desqualificada, confirmando o estereótipo de força dos negros africanos como animais de carga.

O texto que antecede essa pintura traz a falsa positividade das conquistas dos colonizadores portugueses com o tráfico negreiro, grandes fortunas e a produção e exportação de cana-de-açúcar, e somente ressalta que “o trabalho duro dessas pessoas produziu muita riqueza” (LIVRO 7º ANO, COLEÇÃO B, PNLD 2020), não enfatizando que foi um período de muita dor e sofrimento para essa população.

O autor divide os escravizados vindo para o Brasil em dois grupos: os bantos e sudaneses. Essa divisão é parte de um conceito homogêneo de África, não mostrando as verdadeiras relações existentes entre a população africana. Sendo que após a aprovação da Lei 10639/2003, é trazida que a África é composta por uma cultura étnico-racial diversificada.

O termo banto usado por muitos autores nos Livros Didáticos de Geografia, na verdade são fictícios e foram criados pelos europeus para denominar os escravos que viviam próximos da costa africana. Então neste sentido, as afirmações sobre a origem da mestiçagem brasileira nos LDG seriam contraditórias (SILVA, 2016, p. 24-25).

Nas próximas páginas consta o tópico “O fim do tráfico negreiro”, e a imagem usada para ilustrar é a obra de Johann Moritz Rugendas (1808-1858) intitulada de Navio negreiro (Figura 1, imagem B), demonstrando a imagem do negro africano em condições precárias e sem nenhuma importância, em situações de crueldade, de sofrimento e de subalternidade.

**Figura 1– Exemplos de pessoas africanas escravizadas**



Fonte: “Coleção A”, 7º ano, PNLD 2014. Na imagem A, negros africanos carregadores de cangalhas (1831); e na B, negros africanos escravizados em navios negreiros (1830)

A imagem B trouxe os negros africanos pacíficos e submissos, sem nenhum tipo de resistência, pois foram imobilizados e acorrentados. Quanto a vestimenta estão cobertos com panos e outros sem roupas. Também há a presença de crianças, de um homem negro, provavelmente sem vida, sendo carregado pelos homens brancos bem vestidos e frios com a situação desumana. Essa pintura é recorrente nos Livros Didáticos de Geografia e de História.

A temática dos quilombos é retratada no passado mencionando a liderança no Quilombo dos Palmares, por Ganga Zumba, Zumbi dos Palmares e uma imagem do Parque Memorial Quilombo dos Palmares em Alagoas (2011). Em um box intitulado “As terras de negros”, traz gráficos sobre os pedidos e titulações concedidas entre os anos de 1995 e 2010.

Muitas dessas comunidades mantêm ainda tradições que seus antepassados trouxeram da África, como a agricultura, a medicina, a religião, a mineração, as técnicas de arquitetura e construção, o artesanato, os dialetos, a culinária, a relação comunitária de uso da terra, dentre outras formas de expressão cultural e tecnológica. (ANJOS, 2005a, p. 4).

O geógrafo Anjos (2005a) compreende esses espaços como sítio geográfico onde se agrupavam povos negros africanos que se rebelavam contra o sistema escravista da época, formando comunidades livres, verdadeiros representantes da identidade afro-brasileira com heranças de seus antepassados.

Ainda no capítulo dez, existe uma imagem falsa-positiva, pois é representada a imagem da festa religiosa Lavagem da Igreja do Bonfim (Figura 2, imagem A), com mulheres negras com vestimentas brancas, colares e turbantes, mas no texto não é mencionado sequer os nomes das principais religiões de matriz africana (Umbanda e Candomblé), e sim sobre o sincretismo religioso brasileiro, levando a entender que ainda há uma negação ao invés de reconhecimento dos elementos culturais africanos que fazem parte da cultura brasileira.

No capítulo quinze, o tópico “*Novos parceiros: China, Índia e África do Sul*”, apresenta uma imagem que remete a uma ideia de positividade: um homem negro africano ocupando um cargo de poder na política, como o presidente da África do Sul (Figura 2, imagem B). Na legenda no livro, consta o nome de Jacob Zuma, que foi presidente do país até 2018. No período da escravização, muitos escravizados não tinham nomes e nos Livros Didáticos de décadas passadas possuíam nomes pejorativos.

**Figura 2 – Imagens de aspectos positivos**



Fonte: “Coleção A”, 7º ano, PNLD 2014. Na imagem A, festa religiosa Lavagem da Igreja do Bonfim, Salvador (2011); e na B, o presidente da África do Sul em visita ao Brasil, Brasília-DF (2010)

Para justificar a escravização africana cometida pelos europeus, um dos argumentos foi a religião, pois consideravam as religiões africanas como primitivas. Os negros africanos tinham sua religião e o

fato de não adorarem o cristianismo foi visto como pecado e por isso, estavam condenados ao castigo eterno. Para “salvá-los”, os colonizadores os capturaram e traficaram para fora da África. E durante séculos uma pessoa negra foi vista como “inferior” e “sem qualificações” para trabalhos mais complexos, o que é uma grande inverdade criada para dominação. Assim, a imagem de um homem negro em cargo de poder (Figura 2-B) e cumprindo funções positivas é raro, pois não há e não teve muitos presidentes/as negros/as no mundo.

A análise comparativa das imagens que constam no livro do 7º ano da “Coleção A” (PNLD 2014) (Quadro 1), contou com um total de 374 imagens, e com bases nos grupos de representações de Oliveira e Sampaio (2022) e dos tipos de imagens de Mauad (2015), foi possível observar:

**Quadro 1:** Análise comparativa das imagens do livro do 7º ano (PNLD 2014)

Homens negros africanos em situação positiva	00
Homens negros africanos em situação negativa	03
Mulheres negras africanas em situação positiva	00
Mulheres negras africanas em situação negativa	01
Negros/as em diáspora em situação positiva	07
Negros/as em diáspora em situação negativa	08
Pessoas brancas em situação positiva	25
Pessoas brancas em situação negativa	02
Mapas/gráficos	00
Charges/caricaturas/quadrinhos	00
Paisagens Naturais Africanas	00
Outras imagens não relacionadas à África ou à diáspora	328
Total	374

Elaborada pelas autoras, 2023.

\*Mapas, gráficos, charges, caricaturas e quadrinhos relacionados à África ou pessoas negras em diáspora.

Conforme análise do livro do 7º ano (PNLD 2014), apresenta-se 3 imagens de homens negros africanos em situação negativa representadas pela condição de escravizado, passivo, submisso e de conformidade com a estrutura da época. A categoria de pessoas brancas em situação positiva é maior que as imagens que os mostram em situações negativas, repetindo a falsa ideia da “superioridade” das pessoas brancas em relação a população negra.

### Livro Didático do 7º ano - PNLD 2020

O Livro Didático do 7º ano aprovado no PNLD 2020, possui duzentas e cinquenta e seis páginas e está organizado em quatro unidades com doze capítulos divididos em cada unidade com três capítulos. Na abertura da Unidade Um, consta uma imagem com pessoas de diferentes grupos raciais, com parte dos rostos, para enfatizar também o discurso da mistura das raças da população brasileira, marcada pela diversidade. Possui um trecho de artigo de uma revista no tópico “*Texto complementar*” que trata da miscigenação, e após pesquisas genéticas concluiu que “a cor da pele, no país, diz pouco sobre a origem de uma pessoa [...]”. O autor do texto ainda diz que: “a classificação



de pessoas pelo aspecto físico é inútil, já que, geneticamente, muitos brancos podem ser considerados negros, e muitos negros podem ser considerados brancos [...]”. Esse argumento minimiza quem sofreu por quase 400 anos de escravização, período esse de sofrimento e condições desumanas, e que ainda sofre.

No capítulo cinco: “*A diversidade cultural e a imigração*” apresenta o tópico “Os primeiros habitantes: indígenas, portugueses e africanos”, em que é retratado o mesmo texto sobre a miscigenação presente no livro aprovado no PNLD 2014. E para ilustrar traz a imagem que repete também o contexto de 2014, com mulheres negras sorridentes, candomblecistas, com vestimentas brancas e colares, participando da celebração da lavagem das escadarias do Santuário Senhor do Bonfim. Não se falou de sincretismo religioso, mas apresentou o nome da religião de matriz africana, o Candomblé, sem mencionar explicitamente a Igreja Católica, todavia a mesma está presente na imagem ao fundo.

Ressalta-se que as mulheres negras africanas influenciaram diversos aspectos culturais e sociais, como por exemplo, o uso de plantas medicinais, a partir de seus saberes e costumes africanos, sendo que essa prática ainda é vista pela sociedade como rituais inferiores. As religiões de matrizes africanas são invisibilizadas no currículo, pois o preconceito existente acaba contribuindo com a intolerância e o racismo religioso, em que ainda são demonizadas por outras crenças religiosas.

Ainda no capítulo cinco do 7º ano (PNLD 2020), no tópico “*Os primeiros europeus*”, consta a obra “Rua Direita”, do pintor Johann Moritz Rugendas (1808-1858), que aborda o centro de comércio da capital do Império com a presença de negros escravizados e colonizadores (Figura 3, imagem A), ressaltando a presença de pessoas negras com estereótipos negativos e em funções subalternas. O texto da imagem ressalta também a herança deixada pelos portugueses, como por exemplo, as festividades e a alimentação.

**Figura 3-** Negros africanos na condição de escravizados



Fonte: “Coleção A”, 7º ano, PNLD 2020. Na imagem A, africanos escravizados e europeus no centro do Rio de Janeiro (1835); na B, negros escravizados em condições precárias no fundo do porão do navio negreiro (1830)

A imagem que ilustra o tópico “*A presença africana*”, é a pintura do Navio negreiro (Figura 3, imagem B) do mesmo pintor Johann Moritz Rugendas (1808-1858), trazido no livro do 7º ano (PNLD 2014),

que ainda reforça a posição subalterna e passiva do negro africano. A pintura enfatiza a romantização do transporte como “algo natural”, sendo que na realidade os escravizados foram transportados empilhados e em situações desumanas. Esta imagem evidencia sobre os bancos de imagens das editoras.

O mesmo se verifica no campo das imagens e mapas utilizados, cada vez mais remetidos a bancos repositórios de reprodução gratuita (para reduzir os custos das editoras), o que se torna condicionante do que irá constituir estes componentes dos livros (SANTOS, 2018, p. 33).

De acordo com Santos (2018), isso ocorre devido à redução de gastos com direitos autorais e o aumento do lucro das editoras, que por sua vez, atinge as imagens e mapas que são utilizados nos Livros Didáticos. O autor ainda afirma que para reduzir os custos, as editoras utilizam de imagens e mapas expedidos de arquivos de instituições públicas e privadas e de grandes bancos de imagens de uso gratuito, que muitas vezes aparecem a mesma imagem ou mapa a cada renovação dos livros de acordo com as avaliações do PNLD. Porém, apesar de apresentarem imagens que minimizam a escravização e reforçam a precarização das pessoas negras, o texto ressalta que o tráfico negreiro foi um momento de dor e sofrimento.

O transporte dos africanos escravizados eram em condições precárias em porões de navios, e devido as más condições, muita gente amontoada, má alimentação, e partes deles morria no percurso, e os corpos eram jogados ao mar (LIVRO 7º ANO, COLEÇÃO A, PNLD 2020).

Mesmo com algumas alterações nos textos, ainda se percebe que as editoras insistem em reproduzir a presença da população negra africana de forma negativa e deturpada, sempre ressaltando o período da escravização com imagens eurocêntricas e colonialistas. O negro africano é visto como mercadoria e nessas imagens é representado de forma simplificada, reforçando a visão negativa desde sua chegada ao Brasil.

No livro do 7º ano (PNLD 2020), a temática dos quilombos e quilombolas é relacionada ao Dia da Consciência Negra e com o Movimento Negro, porém sobre lutas do passado, sendo ilustrado pelo líder Zumbi como símbolo de luta e resistência negra. Já as lutas atuais dessa população é retratada em um box de texto com mapa para apresentar a quantidade de comunidades com pedidos e titulação concedidas.

Apesar de ser um texto que traz de forma positiva um exemplo da luta do povo negro, a abordagem é feita de maneira sintetizada na tentativa de valorização da história dos negros, porém como resultado do racismo, do machismo e do sexismo ainda presentes em nossa sociedade, há o silenciamento e exclusão das protagonistas negras da História oficial do Brasil nos Livros Didáticos.



Quanto à análise comparativa das imagens que constam no livro do 7º ano da “Coleção A” (PNLD 2020) (Quadro 2), e com base nos grupos de representações de Oliveira e Sampaio (2022) e dos tipos de imagens de Mauad (2015), foi possível observar:

**Quadro 2:** Análise comparativa das imagens do livro do 7º ano (PNLD 2020)<sup>4</sup>

Homens negros africanos em situação positiva	00
Homens negros africanos em situação negativas	03
Mulheres negras africanas em situação positiva	00
Mulheres negras africanas em situação negativa	01
Negros/as de nacionalidades distintas em situação positiva	05
Negros/as de nacionalidades distintas em situação negativa	04
Pessoas brancas em situação positiva	14
Pessoas brancas em situação negativa	00
Mapas/gráficos*	00
Charges/caricaturas/quadrinhos*	00
Paisagens Naturais Africanas	00
Outras imagens não relacionadas à África ou à diáspora	376
Total	403

Elaborado pelas autoras, 2023.

\*Mapas, gráficos, charges, caricaturas e quadrinhos relacionados à África ou pessoas negras de nacionalidades distintas.

Conforme a análise do livro do 7º ano (PNLD 2020), este possui 403 imagens, sendo que 14 são de pessoas brancas em situações positivas, um número muito maior se comparado ao número de apenas cinco imagens de pessoas negras africanas e de nacionalidades distintas, representadas em situações positivas, confirmando o discurso racista da “superioridade branca” registrado neste Livro Didático.

### Livro Didático do 8º ano - PNLD 2014

Os Livros Didáticos do 8º ano (PNLD 2014), abordam o conteúdo sobre o Continente Africano, tendo um maior número de imagens que representam os negros africanos e o continente. O volume do 8º ano apresenta duzentas e oito páginas, apresenta doze capítulos e quatro unidades, em que cada uma possui três capítulos. A África consta na terceira unidade, confirmando que ainda é estudada nas últimas unidades dos livros didáticos.

No capítulo sobre o continente africano, os aspectos negativos são representados com negros africanos na condição de escravizados, trabalhando em posições inferiores em minerações de ouro para enriquecer os colonizadores. Apresenta-se uma obra do pintor Jean-Baptiste Debret (1768-

<sup>4</sup> Observa-se que por ser um livro aprovado na última edição do PNLD, houve um pequeno número de negros e negras brasileiros, tratando-se de um conteúdo sobre formação territorial do Brasil. Isso mostra o apagamento e a inexistência da geo-história do Outro, tendo sua história e saberes contadas a partir da escravização e dos coloniais europeus, reforçando os estereótipos de subalternização

1848) de africanos escravizados arrumando as ruas na capital imperial (Figura 4, imagem A). Essa imagem está presente no tópico “A América dos africanos”, relatando que os colonizadores trouxeram os africanos como mercadorias para serem escravizados nas colheitas de cana-de-açúcar, tabaco e algodão. Apresentando também que o Brasil foi o último país da América a abolir a escravização em 1888.

**Figura 4** – Imagens de negros africanos escravizados (1824)



Fonte: “Coleção A”, 8º ano, PNLD 2014. Na imagem A, africanos escravizados trabalhando nas ruas do Rio de Janeiro (1824); na imagem B, o desembarque dos negros africanos escravizados (século XIX)

No capítulo sete: “Colonização e independência no continente africano” é ressaltado a necessidade de mão-de-obra escravizada para os engenhos, um dos motivos pelos quais os portugueses sequestraram pessoas negras, homens, mulheres e crianças, e os trouxeram para o Brasil. No box de texto com título “O Atlântico era de Portugal”, apresenta uma obra de Johaan Moritz Rugendas, do século XIX, representando os desembarques dessa população (Figura 4, imagem A).

Nestas imagens, os negros africanos são representados em posição social inferior na condição de escravizados ou de servidão, diferentes das condições dos colonizadores que os vigiam. Na imagem A, foram representados descalços, com vestimentas, sendo possível perceber a feição dos rostos da população, com traços característicos de um animal. Pode-se observar que a imagem B, os negros africanos aparecem de maneira estereotipada com traços exagerados e deformados. Eles estão trabalhando descalços, os pés de um deles possui poucos dedos e tem aparência do pé de algum animal.

O capítulo sete, foi iniciado com a afirmação de que o continente africano foi cobiçado por muitos povos, como os árabes e os europeus. Pode ser considerado algo positivo, pois, o primeiro tópico deste capítulo, iniciando sobre os grandes reinos, coloca em destaque o Egito como berço da civilização e Gana como um grande império africano. Estes reinos existiram até a colonização, primeiro pelos árabes e depois pelos europeus. Para ilustrar, tem-se a Pirâmide de Quéfren e a Grande Esfinge no Egito, além da estatueta funerária egípcia datada de 1357-1349 a.C. A imagem das pirâmides do Egito é repetida nas páginas seguintes para elencar o turismo como principal

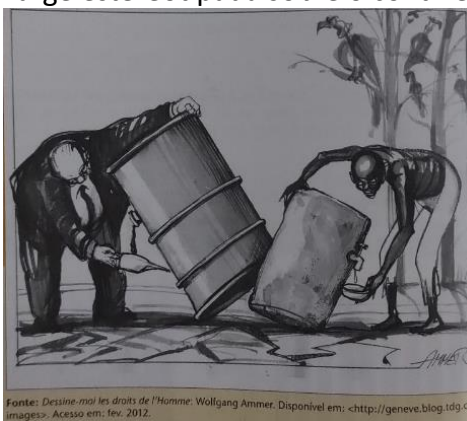
atividade econômica do país, como já foi apresentada em outro Livro Didático da pesquisa, observa-se que existe a repetição da mesma imagem para ser associada ao Egito Antigo. Essas imagens que remetem o Egito ao exotismo, pirâmides e faraós precisam ser desmitificadas e desconstruídas.

O capítulo oito: “*África na economia mundial atual*” tem-se a divisão regional da ONU, de 2011, como África do Norte e África Subsaariana. A África Subsaariana é conhecida como África negra, uma região natural localizada ao Sul do Saara (SANTOS, 2016).

A África negra é constituída pelas seguintes regiões - África Central: Camarões, Chade, República Centro-Africana, Guiné-Equatorial, Gabão, Congo-Brazzaville, República Democrática do Congo, Angola, São Tomé e Príncipe; África Meridional: Namíbia, Botsuana, África do Sul, Lesoto, Suazilândia; África Ocidental: Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Mali, Guiné, Guiné-Bissau, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Burkina Faso, Gana, Togo, Nigéria, Níger, Cabo Verde e Santa Helena e África Oriental: Sudão do Sul, Etiópia, Somália, Quênia, Uganda, Ruanda, Burundi, Tanzânia, Maláui, Zimbábue, Comores, Djibuti, Eritreia, Maurício, Seicheles, Zâmbia, Moçambique, Madagascar (SANTOS, 2016, p. 27).

Uma questão positiva no livro do 8º ano (PNLD 2014) foi que a África Subsaariana não foi representada pelas mazelas e nem por imagens estereotipadas, tendo a predominância de muitos mapas e gráficos. O último capítulo sobre o continente africano, “África: economias de destaque”, apresenta alguns países africanos com os maiores produtos internos brutos do continente, como por exemplo, a África do Sul, a Nigéria, o Egito e a Argélia, sendo estudados com detalhes no capítulo. Além de mapas, constam imagens das refinarias de petróleo, de cidades dentro dos países africanos. No final do capítulo oito, como Leitura complementar, tem-se o texto que aborda o alto custo da energia na África e uma charge francesa estereotipada (Figura 5).

**Figura 5**– Charge estereotipada sobre o continente africano



Fonte: “Coleção A”, 8º ano, PNLD 2014.

Nesta imagem mostrando a exploração de petróleo no continente africano pelos europeus, enquanto o negro africano representado com aspecto de desnutrido e miserável, sem acesso aos recursos necessários para sobrevivência, como água e energia elétrica. Há indicação de filmes, sites e livros para aprofundar os estudos da África.

Quanto à análise comparativa das imagens que constam no livro do 8º ano da “Coleção A” (PNLD 2014) (Quadro 6), e com base nos grupos de representações de Oliveira e Sampaio (2022) e dos tipos de imagens de Mauad (2015), foi possível observar:

**Quadro 3:** Análise comparativa das imagens do livro do 8º ano (PNLD 2014)

Homens negros africanos em situação positiva	01
Homens negros africanos em situação negativa	05
Mulheres negras africanas em situação positiva	00
Mulheres negras africanas em situação negativa	00
Negros/as em diáspora em situação positiva	00
Negros/as em diáspora em situação negativa	00
Pessoas brancas em situação positiva	14
Pessoas brancas em situação negativa	02
Mapas/gráficos*	25
Charges/caricaturas/quadrinhos*	01
Paisagens Naturais Africanas	09
Outras imagens não relacionadas à África ou à diáspora	210
Total	267

Elaborada pelas autoras (2023).

\*Mapas, gráficos, charges, caricaturas e quadrinhos relacionados à África ou pessoas negras em diáspora.

O livro do 8º ano (PNLD 2014) possui 267 imagens, sendo que 25 são de mapas sobre o continente africano; cinco de homens negros africanos em situação negativa, os representando como submissos, sendo escravizados e inferiores aos outros grupos étnico-raciais. Encontrou-se apenas uma imagem positiva do homem negro africano e nenhuma da mulher negra africana.

Apesar deste livro ser o único da coleção que apresenta a Unidade África percebe-se a expressão do racismo nitidamente, pois foram quase três vezes mais imagens de pessoas brancas, sendo que houve uma maior representatividade das imagens positivas, seja em cargos superiores, em lazer e com a família.

### Livro Didático do 8º ano - PNLD 2020

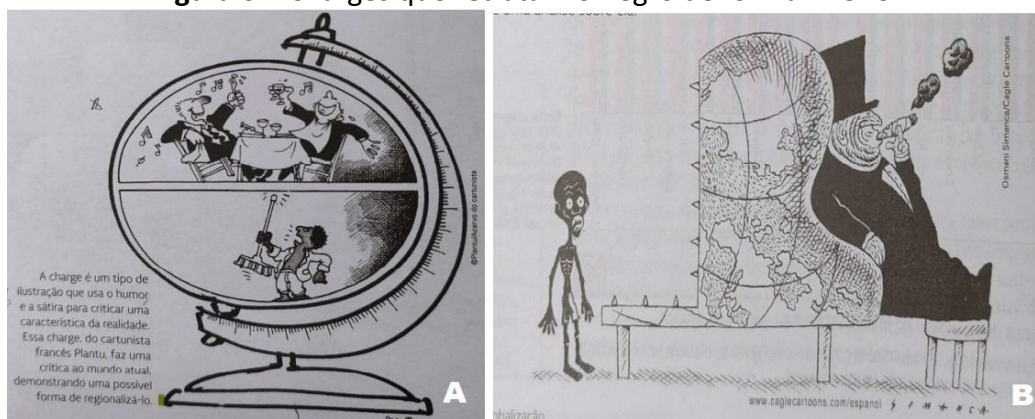
O Livro Didático do 8º ano (PNLD 2020), possui duzentas e oitenta páginas distribuídas em 12 capítulos subdivididos em quatro unidades com três capítulos cada. Para iniciar a unidade, consta no primeiro capítulo “Regionalizações do mundo”, uma charge francesa (Figura 6, imagem A) que segundo o livro, faz uma crítica ao mundo atual, demonstrando uma possível forma de regionalizá-lo. Tem como sugestão que o professor exponha as diferenças entre os países do Norte como os ricos, e os do Sul, como os pobres. Para finalizar a unidade, há uma charge de um artista cubano (Figura 6, imagem B) para o estudante fazer uma análise em relação ao tema da globalização.

Quanto a imagem A (Figura 6), observa-se que aqueles considerados como os países ricos, foram representados por personagens brancos, com vestimenta social, sorridentes e se divertindo. Já os países considerados pobres foram representados por um personagem negro, com cabelo crespo,

mal vestido, descalço e segurando uma vassoura, que é usada para pedir silêncio aos países de “cima”.

Quanto a imagem B, trata de uma charge sobre as vantagens e desvantagens para classes sociais. Ambas as charges são estereotipadas, eurocêntricas e relacionam a população negra como pobre e em posição social inferior aos outros grupos étnico-raciais.

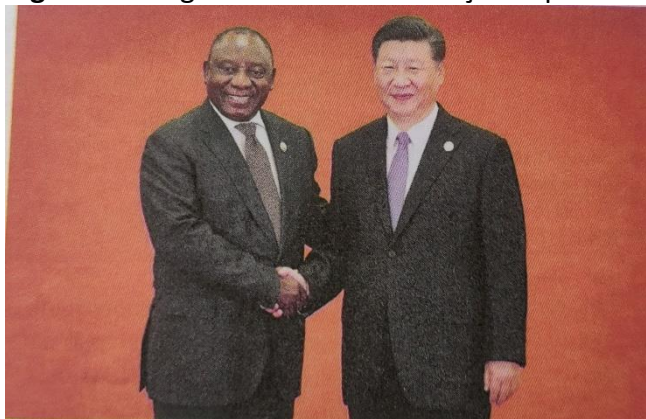
**Figura 6 – Charges que retratam o negro de forma inferior**



Fonte: “Coleção A”, 8º ano, PNLD 2020.

Durante a análise do livro foi encontrada, uma imagem que traz o negro africano em uma situação positiva e em cargo superior (Figura 7). O negro africano é o atual presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, usando vestimentas sociais e está junto com o presidente da China, ressaltando que as atitudes, cargos e as experiências exibidas na foto são similares, pois ambos os países possuem parcerias comerciais.

**Figura 7 – Negro africano em condição superiores**



Fonte: “Coleção A”, 8º ano, PNLD 2020. Na imagem A, Presidente da África do Sul, após Fórum de Cooperação China-África, em Pequim (2018)

No livro do 8º ano (PNLD 2020), o conteúdo da África aparece na quarta unidade, sendo a última do livro. O fato de a África ser apresentada nas últimas páginas, reforça o discurso de que “não há tempo o suficiente para abordar o tema em sala de aula”, o que é prejudicial para o ensino da “história e cultura africana e afro-brasileira”, pois conforme a lei 10639/2003 este conteúdo deveria ser trabalhado durante todo o ano escolar.



Para retratar os negros africanos em trabalhos subalternos, ficou evidenciado o que consta no tópico “Recursos minerais e energéticos” e no tópico “Participação da África na globalização”, com figuras dos negros africanos remetidos aos trabalhos que não necessitam de mão de obra qualificada (Figura 8).

**Figura 8** – Negros africanos sendo explorados em atividades subalternas



Fonte: “Coleção A”, 8º ano, PNLD 2020. Na imagem A, negros africanos em exploração de ouro na Costa do Marfim (2015); na B, mulheres negras africanas em plantação de abacaxis, em Gana (2014)

Ainda é evidenciado a África um continente pobre, mesmo sendo rica em recursos naturais, a Figura 8-A retrata a exploração de ouro com trabalhadores negros em posição social inferior, submissa e em condições precárias de trabalho, pois corporações internacionais do mundo se beneficiam dessa atividade deixando a população africana sem acesso a esses recursos. Assim, o capítulo evidencia um continente que ainda vive sendo explorados pelos europeus. Na Figura 8-B em que aparece mulheres negras africanas em empregos inferiores e com ideia de conformista pela situação em que são submetidas. Ambas as imagens, confirmam uma África ultrapassada.

O Capítulo 12, “África na globalização”, aborda textos que transmitem miséria, fome, escassez hídrica, terrorismo, conflitos étnicos e desigualdade de produção em relação a outros países com imagens de pessoas negras africanas vivendo em condições precárias e à espera de alimentos, reforçando a ideia de uma África pobre e atrasada, insistentemente com mulheres negras africanas em situação social de fome, escassez e mão-de-obra desqualificada.

Outro ponto a destacar foi o texto sobre “Dívida Externa” que teve origem no período colonial, no qual algumas potências europeias fizeram empréstimos a juros elevados, com a justificativa de desenvolver o continente africano. Esta afirmação coloca a África como primitiva, atrasada e pobre, e os africanos escravizados necessitam de reparações econômicas pelas injustiças e sofrimentos ocorridas por séculos.

Consta uma charge sobre atos terroristas na Somália, porém os personagens não se preocupam com a situação quando a ação ocorre em países africanos. A charge mostra a normalização das guerras, dos conflitos étnicos e dos piores indicadores sociais no continente africano. Essa charge é positiva,

pois denuncia o Racismo Estrutural e conduz o leitor para uma reflexão como as pessoas agem em sociedade.

Apesar do capítulo doze trazer nos textos que o acesso à educação, as tecnologias da informação e computadores em algumas partes da África são precários, as imagens para ilustrar o tópico “Educação” é retratado por um professor negro africano escrevendo no quadro de giz (Figura 9-A) e por uma professora negra africana em sala de aula, porém algumas crianças negras africanas estão descalças (Figura 9-B).

**Figura 9 – Professores negros africanos em situação positiva**



Fonte: “Coleção A”, 8º ano, PNLD 2020. Na imagem A, professor negro africano em aula de computação em Gana (2018); e na B, professora negra africana ensina estudantes de um acampamento na Nigéria (2015).

Para encerrar os capítulos da África, uma outra imagem em que os negros africanos estão em situação positiva, é apresentada no box sobre tradições literárias orais da África e um conto tradicional africano “O velho que assustava o medo”. A imagem retrata os griots que narram as crenças ancestrais e preservam, ensinam as tradições culturais africanas.

Quanto à análise comparativa das imagens que constam no livro do 8º ano da “Coleção A” (PNLD 2020) (Quadro 3), e com base nos grupos de representações de Oliveira e Sampaio (2022) e dos tipos de imagens de Mauad (2015), foi possível observar:

**Quadro 4: Análise comparativa das imagens do livro do 8º (PNLD 2020)**

Homens negros africanos em situação positiva	04
Homens negros africanos em situação negativas	05
Mulheres negras africanas em situação positiva	02
Mulheres negras africanas em situação negativa	08
Negros/as de nacionalidades distintas em situação positiva	04
Negros/as de nacionalidades distintas em situação negativa	07
Pessoas brancas em situação positiva	17
Pessoas brancas em situação negativa	00
Mapas/gráficos*	20
Charges/caricaturas/quadrinhos*	02
Paisagens Naturais Africanas	21
Outras imagens não relacionadas à África ou à diáspora	300
Total	390

Elaborado por Oliveira, 2023.

\*Mapas, gráficos, charges, caricaturas e quadrinhos relacionados à África ou pessoas negras de nacionalidades distintas.



A análise do livro do 8º ano (PNLD 2020) contabilizou um total de 390 imagens, com o menor número de pessoas negras africanas e de nacionalidades distintas representadas em imagens positivas, sendo substituídas por um maior número de imagens de mapas, paisagens naturais e pessoas brancas em situações positivas. Conforme lembrado, este é o único livro da coleção que traz a Unidade África como conteúdo, porém observa-se que foram apenas seis imagens positivas sobre as pessoas negras africanas contra treze negativas. Novamente evidencia-se aqui o discurso racista contra os povos africanos.

O Guia do Livro Didático 2014 (BRASIL, 2013, p. 102) fez uma análise da “Coleção A” (PNLD 2014) e afirmou que ela está isenta de qualquer tipo de preconceito, bem como promove o respeito e valorização da diversidade. Consta ainda que essa “Coleção A” (PNLD 2014) “promoveu-se positivamente a imagem e a cultura de afrodescendentes [...]”. Todavia, não é isso que foi observado na análise da “Coleção A” (PNLD 2014), pois ainda traz imagens de uma África com aspectos negativos e negros africanos estigmatizados.

Na leitura do Guia do Livro Didático 2020 (BRASIL, 2019, p. 128) consta que a “Coleção A” (PNLD 2020) está fundada “[...] na pluralidade étnico-racial, religiosa, na luta dos diferentes movimentos sociais [...]. Tecendo uma ampla reflexão sobre as minorias e sua importância na Geografia brasileira e mundial”.

Foi possível verificar que a representação das paisagens naturais é a mais usada nos livros, e ainda é grande a quantidade de imagens que representam o negro africano e de nacionalidades distintas de forma negativa, mesmo após a implementação da Lei Federal 10639/2003. Quanto às imagens do negro africano e de nacionalidades distintas em situação positiva, pode-se afirmar que houve uma pequena melhora na narrativa quando ocorreu a representação de Zumbi dos Palmares. Contudo, é preciso urgência nas mudanças de conteúdo e principalmente de posturas no que diz respeito ao Ensino de Geografia da África e nas representações dos negros africanos na educação brasileira.

Foram poucas as imagens que valorizaram a população negra e o continente africano, ao contrário daquelas que ainda inferiorizam. O quantitativo de imagens na “Coleção A” (PNLD 2020) representa uma narrativa que coloca a África como selvagem e primitiva e os negros africanos como socialmente inferiorizados e estereotipados, confirmando que os Livros Didáticos ainda são racistas, sendo necessário contar outras geografias, que foram ocultadas ou distorcidas por séculos de racismo presentes na sociedade.

O livro didático ao vincular estereótipos que expandem uma representação negativa do negro e uma representação positiva do branco, está expandindo a ideologia do

branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais que se conjugam com a não legitimação pelo Estado, dos processos civilizatórios indígenas e africanos, entre outros, constituintes da identidade cultural da nação (SILVA, 2019, p. 57)

Evidencia-se que ainda permanece o silenciamento em relação às questões africanas de maneira positiva nos Livros Didáticos de Geografia. Consta-se que os negros africanos e a África continuam sendo representados por imagens negativas e em papéis humilhantes, mesmo com algumas mudanças em relação aos livros atuais.

Por mais de quase 400 anos a classe dominante colonizadora usufruiu da força negra de forma desumana, cruel e dolorosa, que ainda tem reforçado um discurso misógino, transmitindo a ideia de que a África e sua população são inferiores, incapazes e primitivos.

Conforme comprovado por esta pesquisa, as Representações Sociais da África e dos negros africanos nesta coleção de Livros Didáticos de Geografia são narrativas ainda do colonizador branco europeu, que de forma simples e direta perpetuam o racismo. O povo negro ainda não teve a oportunidade de ser representado de forma a valorizar de fato sua história e sua cultura, pelo contrário, ele continua sendo menosprezado. E a sociedade, em sua maioria, reproduz o pensamento racista que lhe foi imposto, naturalizando as imagens que apresentam a população negra em papéis sociais subalternos e desvalorizados no contexto social, assim como de uma “África única”, “desejável” por conta de seus recursos naturais, mas “mal vista” por ser subdesenvolvida e miserável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que o Ministério da Educação, por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), tenham seguido as exigências da Lei 10639/2003 para melhorar o controle dos Livros Didáticos distribuídos nas escolas e evitar as obras que contenham representações racistas e negativas em relação ao negro e ao continente africano, ainda não se encontram livros antirracistas. Pois, os livros ainda omitem a história do negro e sua contribuição para a construção do país, sendo importante a investigação de outras coleções para verificar se isso se repete.

Mesmo com algumas mudanças na desconstrução e ressignificação de estereótipos e ideologias, a Lei 10639/2003 precisa ser implementada na sua totalidade para garantir que a Representação Social do negro africano e da África sejam positivas, dando voz ao grupo que sempre foi silenciado e desvalorizado. Assim é necessário revisar e inserir conteúdos que dão visibilidade ao povo negro e que acabem com a supremacia do eurocentrismo presente no currículo.

Existem imagens que ao “tentarem” representar a diversidade étnica brasileira, colocam sempre os negros africanos em condição de escravizados, em cargos inferiores, seja no engenho, em

plantações, em minas de recursos naturais, bem como no navio negreiro como seres passivos e retratados como sujeitos de sofrimento. A postura reducionista da África e dos negros africanos em Livros Didáticos reforçam ideias simplistas sobre o continente, destacam uma ideia homogênea sobre um território primitivo e pobre. Através das imagens percebe-se a permanência do etnocentrismo nos currículos e nos Livros Didáticos mesmo após a promulgação da Lei 10639/2003. A Geografia, como disciplina curricular e um objeto de conhecimento, é capaz de desmitificar a África como um território homogêneo e ampliar o conhecimento sobre as territorialidades diversas, originárias e atuais, que contribuíram, e ainda contribuem, para a formação sócio territorial brasileira, e outros diversos países no mundo. É imprescindível que se combata o racismo estrutural enraizado na sociedade brasileira, para isso, entre outras urgências, é necessário extinguir as imagens negativas sobre o negro e a África nos Livros Didáticos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo: Brasília, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 17 mar. 2021.

BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo: Brasília, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 17 mar. 2021.

BRASIL. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2014: Geografia: ensino fundamental: anos finais. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2013. Disponível em: <https://www.fnede.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-pnld/item/4661-guia-pnld-2014>. Acesso em: 08 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **PNLD 2020**: Geografia – Guia de livros didáticos. Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2019. Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia\\_pnld\\_2020\\_pnld2020-geografia.pdf](https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2020_pnld2020-geografia.pdf). Acesso em: 08 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD**. Brasília: Ministério da Educação, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso em: 08 fev. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. 190 p.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019. 493p. Tradução Jamille Pinheiro Dias.

COSTA, Raphael Luiz Silva da; DUTRA, Diego França. A lei 10639/2003 e o ensino de Geografia: representação dos negros e África nos livros didáticos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 10., 2009, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: ENPEG, 2009, p. 1-15.

FERREIRA, Lucas. Agricultura Egípcia. Net, Criciúma, jan. 2020. **Antigo Egito**. Disponível em: <https://antigoegito.org/agricultura-egipcia/>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FREITAS, Lucia Gonçalves; JESUS, Marcos Túlio Pereira de. Pessoas negras em livros didáticos: trajetórias de pesquisas. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, v. 9, n. 2, jul./dez., 2021, p. 120-132.

MARQUES, Walter Rodrigues. Perspectivas filosófico/histórica africana e educação nas relações étnico-raciais para descolonizar olhares. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 230, set./out., 2021, p. 239-250

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N.Sér. v. 13, n. 1, p. 133-174, jan.-jun. 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p. Editado em inglês por Gerard Duveen; Tradução de Pedrinho A. Guareschi.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; MOREIRA, Izabela dos Santos. Livros didáticos. In: SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; MIRANDA, Shirley Aparecida de. (Orgs.). **Educação das relações étnico-raciais**: o estado da arte. Curitiba: NEAB-UFPE, 2018, p. 327-354.

OLIVEIRA, Ana Flávia Borges de; SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo. A representação do negro nos livros didáticos de Geografia do 8º ano do ensino fundamental: primeiras discussões. **Boletim de Geografia**, v. 39, p. 211-237, e58615, 31 jan. 2022.

OLIVEIRA, Ana Flávia Borges de. 2023. **Representações Sociais da África e dos negros africanos em livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II**: PNLD 2014 e 2020. 2023. 2010 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023 (no prelo).

RATTS, Alecsandro José Prudêncio; RODRIGUES, Ana Paulo Costa; VILELA, Benjamin Pereira; CIRQUEIRA, Diogo Marçal. Representações da África e da população negra nos livros didáticos de geografia. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 8, n. 1, p. 45-59, 2007.

SANTOS, Renato Emerson dos. Ensino de Geografia e currículo: questões a partir da lei 10.639. **Terra Livre**, São Paulo, n. 34, p. 141-160, 2010.

SANTOS, Renato Emerson dos. A Lei 10.639 e o ensino de Geografia: construindo uma agenda de pesquisa-ação. *Revista Tamoios*, ano VII. n. 1, 2011. p. 1-24.

SANTOS, Renato Emerson dos. A Lei 10.639 no PNLD de Geografia: um ensaio sobre questões, mudanças e permanências. In: TONINI, Ivaine Maria et.al. (orgs.). **Geografia e livro didático para tecer leituras de mundo**. São Leopoldo: Oikos, 2018. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/neegeo/wp-content/uploads/2020/08/Geografia-e-livro-didatico-e-book.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2022.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático**: o que mudou? Por que mudou?. Salvador: EDUFBA, 2011. 179p.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. 3ª ed. Salvador: EDUFBA, 2019. 117p.

SILVA, Taís de Medeiros; TONINI, Ivaine Maria. A potência educativa das imagens dos corpos negros no livro didático de geografia. **Boletim Alfenense de Geografia**, Alfenas, v. 2, n. 4, p. 76-94, 2022.

SOUZA, Jussara Oliveira. Entre textos e imagens: a África representada nos livros didáticos de História. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: SNH/UNB, 2017, p. 1-16.

SOUZA, Lorena Francisco de. A lei 10.639/03 e o ensino de Geografia: possibilidades em prol da equidade racial. In: ALVES, Adriana Olivia; KHAOULE, Anna Maria Kovacs (Orgs.). **A Geografia no cenário das políticas públicas educacionais**. Goiânia: C&A Alfa & Comunicação, 2017. p. 211-230.

TONINI, Ivaine Maria. Notas Sobre Imagens Para Ensinar Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 3, n. 6, p. 177-191, jul./dez., 2013.